

## **OS SABERES E PRÁTICAS DO COORDENADOR DE CURSO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

*José Hiram S. Noguez*

*Alfredo Luiz da Costa Tillmann*

*Glaucius Décio Duarte*

### **Resumo**

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de cunho qualitativo que investiga a questão que envolve os saberes necessários ao docente investido na função de coordenador de curso de graduação. Serão sujeitos da investigação, aos quais serão aplicadas entrevistas semiestruturadas, um grupo de dez coordenadores de curso de graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizada na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul. Como forma inicial de construção, procurou-se compreender as competências necessárias ao docente que está exercendo essa função. Para isso, buscaram-se as origens e os aspectos legais acerca dos fazeres desses profissionais, recorrendo-se à legislação nacional e documentos legais da referida instituição. Como fundamentação teórica, que servirá de base para o desenvolvimento desta pesquisa, serão utilizados os conceitos de saberes docentes, que servirão como fio condutor para a compreensão e análise dos dados obtidos. Até o momento percebe-se a grande responsabilidade atribuída ao coordenador de curso, que necessita de uma variedade de saberes para dar conta de questões políticas, gerenciais, acadêmicas e institucionais, que na maioria das vezes são construídos na prática e sem uma habilitação formal.

**Palavras-chave:** coordenador de curso, saberes docentes, gestão da educação.

### **Introdução**

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, a participação do coordenador de curso de graduação começou a ganhar maior importância no cenário da Educação Superior no Brasil.

O coordenador de curso é um docente geralmente escolhido através de eleição para ficar a frente e ser o responsável pelo curso que coordena. Como afirma Franco (2002), “diz-se ser ele o 'gerente' do Curso. Chega-se mesmo a afirmar que é o 'dono' do Curso”, tamanha a responsabilidade exigida pela função.

Este trabalho trata-se uma pesquisa qualitativa, que através de entrevistas com dez coordenadores, busca a visão deles a respeito de seu trabalho, os saberes que são necessários e como são construídos. Como fundamentação, a pesquisa baseia-se nos conceitos de saberes docentes de Tardif (2014), como fio condutor para a compreensão e análise dos dados obtidos.

Assim, o presente estudo, o qual encontra-se no início da pesquisa de campo, tem como objetivo geral investigar quais são os saberes e práticas do docente investido na função de coordenador de curso de graduação da UFPel. Para percorrer o caminho que torne possível alcançar o objetivo geral deste trabalho, tem-se como objetivos específicos: a) verificar quais são os fazeres dos coordenadores de curso; b) investigar qual o conhecimento que o coordenador tem sobre sua função; c) identificar quais os saberes necessários à função; d) apresentar a importância da função de coordenador de curso e e) descobrir qual a origem desses saberes e como são adquiridos.

### **Aporte teórico**

O coordenador é o docente destinado a ser o responsável temporário por um curso, respondendo tanto pedagógica, política como administrativamente pelo curso que coordena.

Sua participação no contexto universitário começou a ganhar mais importância a partir da LDB de 1996, com a introdução de transformações na estrutura organizacional, divisão do trabalho, substituição de rotinas, supressão de algumas hierarquias e a definição da criação de um sistema de supervisão nas instituições de ensino chamado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que foi instituído em 2014.

A respeito de suas atribuições, buscou-se na legislação nacional e nos documentos oficiais da UFPel as competências que são atribuídas ao docente quando está exercendo essa função.

Percebe-se, então, a necessidade de envolvimento em variadas funções que vão além dos saberes construídos em sua formação e exercício da docência, respondendo tanto pedagógica, política, como administrativamente pelo curso que coordena. Por sua vez, Franco (2002) classifica as atribuições dos coordenadores em funções políticas, gerenciais, acadêmicas e institucionais.

As atividades do coordenador de curso necessitam de uma construção teórica e prática, sendo assumidas na maioria dos casos sem uma habilitação formal, com uma construção em pleno exercício das atividades, ou seja, na prática (RANGEL, 2001; SILVA; MORAES, 2002; WALTER *et al.*, 2006; KANAN, 2011).

Sendo assim, sem uma formação, qualificação ou habilitação para o exercício da função de coordenação de curso, evidencia-se o problema dessa pesquisa: Quais os saberes necessários ao docente quando exerce a função de coordenador de curso na UFPel?

Segundo Tardif (2014, p. 54), saber docente é um “saber plural, saber formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana [...]”, classificando-os em saberes da formação profissional, disciplinares, curriculares e experienciais, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Classificação de saberes segundo Tardif.

Saber	Definição
Saberes da formação profissional	Conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores, inicial e/ou continuada.
Saberes disciplinares	Correspondem aos diversos campos do conhecimento, apresentado sob forma de disciplinas, integrados as universidades.
Saberes curriculares	Apropriados ao longo da carreira. Apresentam-se sob a forma de objetivos, conteúdos e métodos que são aprendidos e aplicados
Saberes experienciais	São resultantes do exercício prático da profissão. Brotam da experiência e da vivência.

Fonte: autor, baseado em Tardif (2014, p. 36).

Tardif dá especial atenção aos saberes experienciais, também chamados de práticos. Esses saberes originam-se da prática cotidiana dos fazeres e pela própria validação que esta prática os dá, constituindo-se nos fundamentos da competência dos professores. A partir desses saberes, eles concebem modelos e julgamentos e assim orientam sua profissão. São, então, os saberes experienciais “o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos”. (TARDIF, 2014, p. 48-49).

Tardif traz o conceito de epistemologia da prática profissional:

[...] chamamos de epistemologia da prática profissional o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas. (TARDIF, 2014, p. 255).

Com isso, o autor sugere uma noção mais ampla de saberes, “[...] que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser”. (TARDIF, 2014, p. 255). Essa epistemologia da prática vai favorecer uma compreensão de como esses saberes se relacionam com a prática, como são assimilados e utilizados de acordo com os limites e recursos de que dispõem, revelando assim esses saberes e compreendendo sua natureza.

Será com base nos conceitos e definições de Tardif que se pretende concluir sobre os dados coletados, sendo que a partir da etapa de entrevistas e análises, pretende-se definir as categorias de saberes que servirão como referência para as conclusões finais.

## **Metodologia**

De acordo com o tipo de investigação a que se propõe, esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, quando serão utilizados como principal instrumento de coleta de dados as entrevistas individuais semiestruturadas, a partir de conceitos de Gaskell (2012).

Serão convidados a participar dez coordenadores de curso de graduação da referida instituição, selecionados a partir de diferentes áreas de conhecimento dos cursos os quais coordenam.

Baseando-se em André (1995, 2013), acredita-se que esta pesquisa aproxima-se de um estudo de caso etnográfico, pois a proposta é estudar com profundidade um fenômeno particular e educacional em seu contexto, quando o mundo real será analisado e relacionado com um referencial teórico que está sendo adquirido. Ainda, por se pretender interagir com a situação do estudo através de observações e entrevistas, se aprender e retratar a visão dos sujeitos, caracterizando-se o fenômeno sem a intenção de mudar seu ambiente.

Como técnica para a análise das entrevistas, será utilizada a análise de conteúdo, com base nos conceitos de Bardin (1977).

## **Considerações parciais**

Apesar de ainda não se ter resultados da etapa de entrevistas, o trabalho executado até o momento já proporciona a visão de que o docente, quando inserido na função de coordenador de curso, passa a ter envolvimento com situações que na maioria dos casos não eram exigidas no seu cotidiano profissional e sua formação geralmente não contempla.

Desta forma, coordenar um curso exige um envolvimento em questões políticas, gerenciais, acadêmicas e institucionais que remetem a uma contrapartida para com a sociedade, docentes, sala de aula, instituição e seus atores, apontando para uma amplitude de saberes necessários ao exercício da função.

A falta de uma formação e qualificação para o exercício da função é de certa forma preocupante, pois de acordo com a revisão bibliográfica realizada até o momento, esse fato é recorrente. Acredita-se que um coordenador de curso melhor preparado para exercer a função pode vir a colaborar de forma mais satisfatória para a qualidade do ensino superior.

A partir da etapa de entrevistas, entende-se que será possível obter subsídios suficientes para confrontar a teoria com a prática, elucidando os saberes necessários à função de acordo com as atribuições, bem como suas origens.

## Referências

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, Salvador, p. 95-103, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/753/526>>. Acesso em: 08 jul. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FRANCO, Édson Raymundo Pinheiro. **Funções do coordenador de curso: como “construir” o coordenador ideal**. Brasília: ABMS, 2002. Disponível em: <<http://www.abmes.org.br/public/arquivos/publicacoes/ABMESCaderno8.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 64-89.

KANAN, Lilia Aparecida; ZANELLI, José Carlos. Características do trabalho de coordenadores de curso no contexto universitário. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 18, n. 1, Passo Fundo, p.151-170, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/viewFile/2072/1299>>. Acesso em: 10 jun. 2015

RANGEL, Mary. Coordenação para qualidade dos cursos: repensando conceitos e competências. **Revista Olho Mágico**, v. 8, n. 3, set.-dez. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccs/olhomagico/v8n3/especial.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

SILVA, Maria Aparecida da; MORAES, Liege Viviane dos S. Como os professores aprendem a dirigir unidades universitárias: o caso da UFSC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2002, Atibaia. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

WALTER, Silvana Anita *et al.* De professor a gestor: uma análise do perfil dos gestores dos cursos de administração das instituições de ensino superior da região oeste do Paraná. In: SEMINÁRIO NACIONAL ENANGRAD, 17., 2006, São Luís do Maranhão. Disponível em:

<[http://home.furb.br/mariadomingues/artigos/XVII\\_ENANGRAD\\_2006/De\\_Professor\\_a\\_Gestor.pdf](http://home.furb.br/mariadomingues/artigos/XVII_ENANGRAD_2006/De_Professor_a_Gestor.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2015.